

## EM ALGUM LUGAR DO PASSADO: OS BICHOS ESPICHADOS DO GUATUPÊ<sup>1</sup>

Jorge Cesar de Assis<sup>2</sup>

*“Qualquer semelhança com os fatos aqui narrados será mera coincidência, ou não...”*

Em um lugar ao Sul da *Terra Brasilis* – chamado de Guatupê<sup>3</sup>, lá pelos idos dos anos setenta do século passado, habitava uma tribo singular, formada por jovens que almejavam ser oficiais da Polícia Militar, chamados genericamente de alunos.

Eles habitavam o Guatupê de forma temporária, por três anos, e estavam sempre divididos em três grupos, os primeiros, segundos e terceiranistas. Os primeiranistas eram chamados de *bichos*<sup>4</sup> pelos demais que ocupavam uma hierarquia crescente naquela Escola, os veteranos.

Essa história – se é que não é estória, diz respeito aos que por lá passaram entre os anos de 1975 a 1977, e que desde seu ingresso receberam um adjetivo adicional, eram os *bichos espichados*, espichados no sentido de atrevidos, contestadores – ao menos um grupo considerável deles, talvez por influência das aulas de consciência de direitos e deveres, de observância da lei, que eram ministradas sempre pelo período da manhã, que em decorrência de um convênio entre a instituição policial militar e a Faculdade de Direito de Curitiba proporcionava, levando a uma inexorável indagação: Disciplina e Hierarquia combina com o Direito? Sei não...

Os *bichos espichados* eram alegres e descontraídos. À noite, por ocasião do deslocamento para a ceia – que não era obrigatória, mas quem iria recusar um belo café antes de dormir, atravessavam o pátio enorme em direção ao refeitório, marchando no *passo metralha*<sup>5</sup> – criação só deles que nada tinha de marcial. Contam que foi em 1975 que os *bichos espichados* tentaram tomar o controle do Diretório Acadêmico do Guatupê (DAG), pretendendo registrar uma chapa onde um *bicho* seria o presidente. O plano era perfeito porque naquela época, o 3º ano tinha cerca de 21 alunos, o 2º ano cerca de 36 e

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na 2ª **Antologia Literária comemorativa ao 4º Aniversário da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Paraná – ALMEPAR**, Curitiba: Oficina do Impresso Gráfica e Editora, 2022, pp. 165-170.

<sup>2</sup> Membro correspondente da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Paraná - ALMEPAR

<sup>3</sup> A Academia Policial Militar do Guatupê (APMG), segundo o art. 29 da Lei Estadual nº 16.575/2010 é a Instituição de Ensino Superior Escola Superior da Polícia Militar do Paraná (PMPR), que se destina à graduação, formação, habilitação, adaptação, pós-graduação e especialização policial e bombeiro militar de oficiais e de praças e à pesquisa na área da Segurança Pública.

<sup>4</sup> Dentre os vários significados da palavra *bicho*, diz-se, por extensão, do estudante novato nas escolas e academias; calouro.

<sup>5</sup> O “*passo metralha*” consistia no deslocamento em forma – mas não tanto, de uma fileira dos bichos espichados, cada um colocando sua mão direita no ombro esquerdo do companheiro da frente (testa), até o cerra-fila (último), de modo que a fileira formava um ângulo à esquerda e para trás. Eles marcavam a cadência com o movimento do braço esquerdo, e geralmente cantavam.

o primeiro ano mais de 60, ou seja, inferiorizados na hierarquia eram superiores em número só que ... pelas regras eleitorais o presidente seria sempre do último ano da Escola e assim, os *bichos espichados* ficaram só na vontade.

Os *bichos espichados* gostavam de cantar à noite, geralmente em um dos apartamentos do Bloco dos alunos, batucando na mesa ou pelos corredores do Bloco dos Alunos. Gostavam de cantar Originais do Samba: “...*quantas belezas deixadas nos cantos da vida / que ninguém lembra e nem mesmo procura encontrar / e quantos sonhos se tornam esperanças perdidas / que alguém deixou morrer se nem mesmo tentar...*”. Gostavam também do Benito de Paula: “*é, acaba a valentia de um homem / quando a mulher que ele ama vai embora / é, quanta coisa muda nessa hora / e o mais valente dos homens chora...*”.

Era uma época incrível, os jovens alunos varavam as madrugadas datilografando (*não existia notebook e nem celular*) seus trabalhos escolares, acompanhados de café feito no apartamento em um pequeno bule, onde a água era fervida com um antigo aquecedor de resistência, cabo de madeira, que era equipamento obrigatório de uso individual. E os bailes, ah os bailes, todos com uniforme de gala, dançando certinho com suas namoradas, mas os *bichos espichados*, levados pelo som contagiante dos Bee Gees e pelos embalos do John Travolta, ignoravam (*os mais espichados*) a proibição de dançar separados e mandavam ver, dando show de discoteca e .... ficando de LC no próximo final de semana, rrsrrs. LC significava licenciamento cassado, e era aplicado com frequência, tinha *bicho espichado* que nunca saia da Escola. Contam que por ocasião dos bailes da Escola, tinha um oficial especialmente designado para anotar os dançarinos.

E nas formaturas na Escola, aquelas normais, do dia a dia, esse oficial, segundo disseram, se posicionava atrás dos alunos e anotava qualquer movimento diferente. A postura, tinha de ser marcial ao extremo. Os alunos não o viam, mas sabiam que ele estava lá atrás, dele só ouviam a expressão temida, dirigida ao Dia à Escola<sup>6</sup>: “*anota o fulano, anota o sicrano*”, e assim por diante. Uma vez anotado, adeus final de semana.

Mas os *bichos espichados* eram bons em todos os esportes, futebol de campo, de salão, atletismo, vôlei, participaram sempre das seleções da Escola deixando sua marca indelével na história da Terra de Guatupê.

Naqueles tempos os *bichos espichados* eram imunes à suscetibilidades, de modo que brincavam uns com os outros, colocando apelidos os mais variados, sem que isso significasse necessariamente uma ofensa como *sói* acontecer nos dias de hoje. Em um regime onde primeiro se cumpria a punição para só depois recorrer não havia espaço para suscetibilidades.

Quando os *bichos espichados* passaram a ser segundanistas espichados, foram decisivos na criação do KADET’S, órgão Informativo do DAG, que teve um segundanista espichado como Editor, e era impresso de forma rústica, em um velho mimeógrafo à álcool<sup>7</sup>. O KADET’S teve duas edições e, ao final de 1976, deu lugar ao PHILO’S – Um

---

<sup>6</sup> Dia à Escola era o terceiranista que estava de serviço, responsável pela apresentação do Corpo de Alunos.

<sup>7</sup> Considerado o avô da impressora, o mimeógrafo era um aparelho que reproduzia cópias a um baixo custo por meio de um método simples e bem caseiro. E tinha uma característica bem marcante: o cheiro de álcool nas folhas que exalava sala adentro. Disponível em <https://olhardigital.com.br/2022/01/26/tira->

amigo na Informação, publicação mensal do Diretório Acadêmico Guatupê e que tinha um segundanista como Redator. O PHILO'S teve quatro edições e, em 1977, quando um terceiranista espichado era o Diretor do DAG foi feita a primeira impressão em OFF-SET<sup>8</sup>, em uma parceria com o pessoal do Departamento Gráfico da Penitenciária Central do Estado. Depois disso, não se sabe se as publicações continuaram, mas há quem garanta possuir exemplares dessas raridades.

Os *bichos espichados* quando chegaram ao terceiro ano, e passaram a ser terceiranistas espichados, deram causa a uma quebra de tradição na hierarquia do Corpo de Alunos. É que a hierarquia dos alunos do Curso de Formação de Oficiais obedecia, quando estivessem no mesmo ano, ao princípio da antiguidade. Ao ingressarem todos no curso de formação de oficiais da Academia Militar, na mesma data de matrícula, a antiguidade foi estabelecida pela ordem de classificação dos alunos, classificação esta que se seguiria até a data do aspirantado, por conclusão de curso. Servia para a primeira noção de antiguidade que o futuro oficial adquire: os primeiros classificados são designados como comandantes dos vários pelotões de alunos, o 01 é o comandante de todo o Corpo de Alunos, o 02 comanda o 1º pelotão, o 03 o 2º e assim por diante.

Mas com os terceiranistas espichados isso não prevaleceu. O 01 continuou sendo o Comandante do Corpo de Alunos, mas o comando dos pelotões não foi confiado sequencialmente ao 02, ao 03, mas sim àqueles terceiranistas escolhidos pelo Comando da Escola que necessariamente não eram mais antigos. Poder-se-ia pensar que esse fato gerou algum tipo de revolta na turma, mas não, prevaleceu o espírito de jovialidade dos futuros aspirantes com seus colegas e companheiros, e os novos comandantes de pelotão foram cognominados de “fixos” porque permaneceriam até o final do curso, ou “biônicos”, uma alusão à investidura dos senadores do pacote de abril de 1977.

Pois bem, se os *bichos* continuaram *espichados* em 1976 quando passaram a ser segundanistas, foi nesse ano que dizem que ocorreu o feito de maior audácia daquela turma, conta-se o milagre, mas não o santo, ou os santos porque teriam sido mais de cinco os seus autores.

Para os que lembram desses bons tempos, dos três grandes blocos paralelos defronte ao pátio e em oposição ao refeitório, o do meio, onde hoje se vê a inscrição APMG – BERÇO DE LÍDERES, era o bloco dos alunos, com a diferença de que, àquela época, as janelas laterais, onde se localizavam os quartos dos alunos, tinham uma veneziana de madeira, em cor amarela, que protegia a janela, e que se abria para cima, formando um ângulo de 90 graus com a vidraça.

---

[duvidas/cheiro-de-alcool-na-sala-voce-sabe-o-que-era-um-mimeografo/#:~:text=Considerado%20o%20av%C3%B4da%20impressora,folhas%20que%20exalava%20sala%20dentro](#) , acesso em 07.05.2022.

<sup>8</sup> A impressão offset é o processo de impressão planográfico mais usado pelos setores gráficos em todo o mundo. Isso se dá, principalmente, pelo alinhamento entre qualidade e custo-benefício do processo. Disponível em <https://www.printi.com.br/blog/o-que-e-impressao-offset#:~:text=A%20impress%C3%A3o%20offset%20consiste%20na,tinha%20contato%20direto%20com%20matriz>.

Quem contou essa façanha diz que teve que consultar velhos álbuns de fotografia para poder lembrar exatamente de como eram as janelas dos apartamentos do bloco dos alunos para poder nos dar a descrição acima.

Então, naquele tempo, havia um grupo de terceiranistas, ocupantes de um mesmo quarto, que após a ceia noturna, costumavam ficar um pouco mais no refeitório, de onde saíam por último trazendo um pacote de leite, gentileza que o pessoal do rancho lhes proporcionava. O litro de leite por aqueles tempos era embalado em um pacote (saco) plástico, e eles quatro (cada quarto tinha 4 alunos), cuidadosamente, abriam a veneziana amarela, deixando-a naquela posição de 90 graus, e colocavam o pacote de leite em cima dela, acredita-se que para que o alimento permanecesse fresquinho sob o orvalho da madrugada, no ponto certo para ser digerido pela manhã.

Os segundanistas espichados que residiam no andar de cima, viram a guloseima láctea exposta em cima da veneziana amarela, e resolveram passar a perna nos terceiranistas.

Conta-se que foi uma operação muito delicada e perigosa, realizada durante a madrugada, envolvendo vários *espichados*: um deles, com certeza de extrema coragem, era colocado para fora da janela, de ponta cabeça, com outros dois, igualmente fortes, segurando em cada tornozelo para que ele não caísse. Mesmo sendo alto, o *espichado* não conseguia alcançar o leite em face da altura entre os andares do prédio, razão pela qual lhe deram uma vassoura para que, com muito cuidado varresse o leite para fora da veneziana.

Lá embaixo, ao pé do chão estavam outros dois *espichados*, com toalhas de banho para pegar o leite sem que ele caísse no chão e explodisse o pacote. Eles pegavam o leite, subiam para o segundo andar, e cada um dos espichados tomava um gole do leite. Era pouco mais de um gole porque havia outros espichados no quarto, na assistência.

Puro *animus jocandi*<sup>9</sup> poder-se-ia dizer da façanha.

Após essa primeira vez, o pacote vazio de leite foi colocado na porta dos terceiranistas. Dizem que os terceiranistas ficaram possessos, seria manchete de jornal policial se descobrissem quem e como os *espichados* pegaram o seu leite. Fizeram juras de vingança, imaginaram as mais cruéis torturas, mas não podiam sequer provar o que aconteceu.

Realmente foi uma ação impetuosa, imagina se o *espichado* da vassoura caísse da janela do segundo andar? Quebrava o pescoço na certa, mas nada paga o gosto da aventura, hehehe.

Então, os terceiranistas lesados passaram a ficar acordados durante a madrugada para flagrar a subtração do leitinho. Colocavam o leite na veneziana, faziam plantão ... mas em vão, os espichados não vinham e eles bebiam leite pela manhã.

Passados alguns dias, os segundanistas espichados resolveram repetir a façanha – ou loucura, *oh my God* diriam os ingleses, mas repetiram sim. E de que forma? Os

---

<sup>9</sup> Expressão latina utilizada em Direito Penal. Para todos os efeitos, *animus jocandi* deve ser entendido como uma brincadeira, onde não há real intenção em ferir o bem jurídico do sujeito passivo.

terceiranistas já tinham baixado a guarda, o pacote de leite ia para cima da persiana toda noite sem problemas e era bebido pela manhã. Os espichados resolveram atacar no adiantado da madrugada, por volta das 04:00 às 04:30 horas, quando a probabilidade dos terceiranistas estarem nos “braços de Morfeu”<sup>10</sup> era alta. Para isso contaram com a ajuda de um bicho (primeiranista) que não se sabe se era espichado também, mas era o plantão da hora no Bloco dos Alunos e que recebeu a missão de acordar os *espichados* para prosseguirem em seu desiderato.

Segundo quem estava presente, tudo ocorreu exatamente da mesma maneira: *espichado* seguro pelos tornozelos, de ponta cabeça para fora da janela usa de uma vassoura para varrer o pacote de leite – apanhado em segurança pelos *espichados* em terra com o uso da toalha – retorno ao apartamento – todos bebiam um pouquinho de leite – colocação do pacote vazio na porta das vítimas. Bingo!

Dizem que pela expressão dos terceiranistas na manhã seguinte dava para imaginar o destino dos espichados caso fossem surpreendidos. Os autores da façanha repetida, que eram *espichados*, mas não eram burros desistiram de novas investidas, afinal quem brinca com fogo pode sair queimado, e eles sabiam disso, rrsrs.

Saudade não tem idade, recordar é viver novamente, e os *bichos espichados* de 1975, que prosseguiram sendo *segundanistas e terceiranistas espichados*, estão próximos de completar 50 (cinquenta) anos de ingresso na Escola de Formação de oficiais da gloriosa Polícia Militar do Paraná, Jubileu de Ouro da EsFO.

Os *bichos espichados* fizeram escola, eram jovens, sonhadores, idealistas, brincalhões. Seis dentre eles posteriormente ingressaram nas carreiras do Ministério Público e Magistratura, mas com certeza deram todos, em maior ou menor intensidade, o melhor de seus esforços em prol da Corporação por eles escolhida.

---

<sup>10</sup> O sucesso popular da expressão “nos braços de Morfeu”, velho chavão classicista que significa “adormecido”, leva muita gente a acreditar que, na mitologia grega, fosse Morfeu o deus do sono. Na verdade, ele era filho do deus do sono, chamado Hypnos, palavra grega que significa simplesmente sono – um deus que era conhecido como Somnus em latim.

Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/hipnos-morfeu-e-o-sono-das-palavras/>